



**Telejornalismo – empresas, ensino e pesquisa – no centro-oeste paranaense:**

**uma perspectiva <sup>1</sup>**

Ariane Carla PEREIRA<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste

**Resumo**

Esta reflexão-conversa tem por objetivos discutir a prática do telejornalismo, bem como o ensino e a pesquisa da/na área, na região centro-oeste do Paraná, onde localiza-se a cidade de Guarapuava, sede do *campus* Santa Cruz, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), que oferta o curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Esta sistematização de idéias discutidas na academia e solicitadas após o III Seminário Globo-Intercom de Telejornalismo, pretende funcionar como uma espécie de escavação, seguindo a linguagem foucaultiana, para que as velhas práticas sejam repensadas e sirvam de base para o fazer de maneira diferente o telejornalismo profissional, em atividades laboratoriais e de pesquisa.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Jornalismo de TV; Ensino de Telejornalismo; Pesquisa em Telejornalismo.

**Início de conversa**

O ano é 2006. A cidade, Toledo, localizada no oeste paranaense. No mês de agosto, numa noite gelada, entro em uma sala de aula, pela primeira vez, na condição de professora. Meu objetivo, naquele momento, é despertar naqueles jovens a mesma vontade de ser jornalista e de explorar as características únicas do veículo televisão. Nada novo. Afinal, anos antes, a minha professora de telejornalismo o fez.

O ano é 1999. A cidade, Londrina, no interior paranaense. Eu e mais quinze colegas recebemos o diploma das mãos da paraninfa da turma, a professora de Telejornalismo da Universidade Estadual de Londrina, Neusa Maria Amaral. “Neusinha”, durante dois anos, nos fez perder o sono... Tantos eram os telejornais ou as grandes-reportagens a fechar que respirávamos telejornalismo. A prática televisiva durante a faculdade, nem de longe, lembrava a estimulada nas outras disciplinas. Resultado: dos dezesseis jornalistas formados naquele ano, logo no dia da formatura, 26 de fevereiro, quatro já contavam aos colegas suas experiências enquanto pauteiros e

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup>Jornalista, mestre em Letras, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora efetiva do Departamento de Comunicação Social, da Unicentro, em Guarapuava/Paraná, onde ministra a disciplina de Telejornalismo, entre outras.



repórteres free-lancers de emissoras de TV de Tocantins, do interior de São Paulo e do Paraná. Eu era uma delas.

O ano é 2008. Estamos de volta a Toledo, Paraná. Dessa vez, sou eu a entregar os diplomas, na condição de paraninfa da turma de Jornalismo da Fasul (Faculdade Sul Brasil), a primeira em que atuei como professora. Em minha fala, não pude, claro, deixar de lembrar de Neusa Maria Amaral. A professora tida como “tirana”, “carrasca” na faculdade, mas que nos mostrou – a mim e meus colegas de turma - muitos caminhos em telejornalismo. Assim, sabia que fui motivo de dor de cabeça em vários momentos para aqueles formandos durante os últimos anos, mas acreditava que eles lembrariam com carinho das aulas de telejornalismo – assim como quando resolveram, homenagear a professora da disciplina entre tantas outras da faculdade – quando, em alguns anos, parassem para analisar as trajetórias profissional e acadêmica. Como, assim, agora o faço.

Voltamos a 1999. Agora, estamos em Maringá, também no interior paranaense. O mês é abril. Adentro a redação da RPC-TV Cultura, afiliada Rede Globo, desta vez como jornalista contratada. Desta vez porque, antes, durante dois meses, janeiro e fevereiro, cobri férias dos pauteiros da RPC-TV Cultura, afiliada Rede Globo. Trabalho realizado sempre de olho nos anos anteriores, nas atividades das disciplinas de Telejornalismo. Trabalho bem avaliado e que rendia, nesse momento, meu primeiro registro em carteira como jornalista profissional.

O ano é 1997. A cidade, Londrina. O Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina sedia o Intercom. Ao cruzar pelos corredores da faculdade, que há três anos freqüentava, com pesquisadores da Comunicação, ao ouvir alguns dos grandes pesquisadores da área no país – entre eles os professores doutores José Marques de Melo e Maria Imacolatta Versallo Lopes, passei a questionar: por que a pesquisa não é estimulada? Em quatro anos de faculdade de Jornalismo, eu e meus colegas de turma, nunca ouvimos falar em iniciação científica, por exemplo. E talvez por isso, apenas dois anos depois de concluir a faculdade fiz um curso de especialização e somente porque o mercado, indiretamente, exigiu; talvez por isso, somente dez anos depois de iniciar o curso de jornalismo e seis como jornalista percebi como a pesquisa completava a prática e procurei um mestrado; talvez por isso, fui estudar linguagem, discurso – afinal, enquanto aluna de jornalismo não fui apresentada a pesquisa; afinal,



nenhuma universidade pública em todo o Paraná (e eu precisa conciliar trabalho e estudo) oferecia mestrado em Comunicação.

De volta a 2006. Em maio, deixo a redação da TV Cultura. Depois de, numa avaliação interna, obter a melhor pontuação entre todos os pauteiros do interior. Depois de passar, por alguns meses, pela reportagem e ficar anos a frente da segunda edição do telejornal local enquanto editora e apresentadora. Depois de anos sem final de semana, Natal, Páscoa ou Ano Novo não via mais os plantões com os mesmo olhos românticos de 1999. Deixava uma redação de TV, mas não o telejornalismo...

Continuamos em 2006. Continuamos no Paraná, nas cidades de Maringá e Curitiba. Na primeira, concluo o mestrado em Letras, onde me enveredo pelas trilhas da análise do discurso de linha francesa sem deixar de lado o jornalismo – mais especificamente o livro-reportagem – que tomo como objeto de pesquisa, pela Universidade Estadual de Maringá. Já em Curitiba, alguns alunos da minha primeira turma como professora de telejornalismo recebem, ainda na condição de acadêmicos, o Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense, uma promoção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná: primeiro lugar na categoria Reportagem para Televisão; segundo e terceiro lugar na categoria Projeto em Telejornalismo; segunda colocação. na categoria Telejornal Laboratório.

O ano é 2009. A cidade, Guarapuava, no centro-oeste paranaense. Sou professora efetiva, aprovada em concurso público no ano de 2007 e nomeada em 2008, do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Aqui, sigo ministrando disciplinas de telejornalismo, oportunizando aos alunos a prática do jornalismo de TV, e orientando acadêmicos de Jornalismo em trabalhos de pesquisa em jornalismo de TV. Atividades que me fazem pensar a realidade do telejornalismo – em termos profissionais, de ensino e pesquisa – na região centro-oeste do estado do Paraná.

### **Situando o leitor**

Guarapuava. Cidade localizada no centro-oeste paranaense com quase 200 anos e, segundo o último censo do IBGE, 170 mil habitantes. Apesar de mais antiga que muitas das cidades do interior do estado, o município assistiu (passivamente) a criação,



construção, crescimento e desenvolvimento de outros que, pouco a pouco, o foram deixando para trás – econômica, política e culturalmente – como Maringá e Londrina.

Esta última, por exemplo, que tem menos metade da idade de Guarapuava, foi a primeira cidade interiorana brasileira a ter instalada uma emissora de televisão, a TV Coroados, de 1963. Sua universidade estadual (UEL – Universidade Estadual de Londrina) data de 1970 e oferece o curso de Jornalismo desde a década de setenta.

Curso este mais antigo que a própria Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), criada em 1990. Já o curso de Jornalismo em terras guarapuavanas teve início em 2002 tendo, até o momento, formado quatro turmas. Curso jovem como também são razoavelmente recentes as transmissões telejornalísticas na cidade, a primeira – e única - emissora aberta de Guarapuava está em funcionamento desde o início da década de 1990. Assim, pensar sobre o ensino e a pesquisa de telejornalismo localmente, ou seja, na Unicentro, passa, também, pela constituição da TV e do telejornalismo no município.

### **Pensando a televisão local**

No início da década de 1990, aproximadamente 30 anos depois da instalação da TV Coroados, em Londrina, e da TV Tibagi, em Apucarana, ambas no interior paranaense, é instalada a primeira emissora aberta, única até hoje, de Guarapuava: a TV Independência, pertencente ao Sistema Sul de Comunicação, rede de afiliadas da TV/Rede Manchete, no Paraná. Porém, com a extinção desta, a TV local passa a retransmitir o sinal da TV/Rede Bandeirantes. No ano 2000, a emissora é comprada pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC) e passa a fazer parte do grupo retransmissor da TV/Rede Globo no Paraná. Na época, mais nova entre as emissoras pertencentes ao grupo (em ordem: TV Paranaense/Curitiba, TV Cultura/Maringá, TV Coroados/Londrina, TV Cataratas/Foz do Iguaçu, TV Esplanada/Ponta Grossa, TV Imagem/Paranavaí, TV Oeste/Cascavel).

Nesses quase dez anos, a programação local em termos de tempo e quantidade de profissionais praticamente não variou. No início, bem como atualmente, a equipe de jornalismo era, e continua sendo, composta por um chefe de redação, um editor/apresentador, um editor, dois pauteiros/produtores, dois repórteres e dois cinegrafistas. Profissionais que são responsáveis por colocar no ar um bloco, com cinco



minutos em média, de notícias locais, de segunda a sábado, dentro do Paraná TV segunda edição estadual; além de três a cinco boletins, de um minuto cada, ao longo da tarde, de segunda a sexta-feira.

Produção jornalística que limita-se, em quase todas as edições, ao softnews. As reportagens comunitárias bem como as investigativas não mostram-se como prioritárias. Produção jornalística bem aquém, em termos quantitativos, da colocada no ar pelas outras emissoras da RPC localizadas no interior (com exceção da TV Imagem, de Paranaíba, com produção semelhante a da TV Guairacá) que, além dos inserções vespertinas dentro da programação e dos cinco minutos diários no Paraná TV 2. edição, colocam no ar dois blocos (com aproximadamente nove minutos cada) no Paraná TV 1. edição (exceção para as TVs Coroados, de Londrina, que transmite localmente dois dos quatro blocos do ParanáTV 1. edição e Cataratas, de Foz do Iguaçu, que é responsável pelo fechamento integral do ParanáTV 1.edição).

### **O porque de começar pela TV local**

O cenário do telejornalismo praticado pela única emissora aberta de Guarapuava – pertencente à maior empresa de Comunicação do Paraná (RPC) e afiliada da maior rede de televisão do país (TV Globo) – exposto acima, nos primeiros sete anos do curso de Jornalismo da Unicentro, não suscitou pesquisas acadêmicas, nem de docentes nem de discentes.

E essa não inquietação, essa ausência de perguntas num cenário altamente “problematizante” (por que produzir menos que as outras emissoras do grupo?; por que o espaço destinado a produção local não acompanhou o crescimento das outras praças? a cidade não tem nenhum tipo problema? todos os moradores estão satisfeitos com a cidade? a comunidade regional não enfrenta dificuldades? e a população está satisfeita com esse jornalismo de faz de conta?) é a explicação do porque começar esta reflexão, este diagnóstico de fora para dentro, do mercado para a faculdade de jornalismo.

Perguntas nunca antes feitas dentro do local apropriado para o questionamento. Perguntas que poderiam permear todo o ensino do telejornalismo e do fazer telejornal. Afinal, se o acadêmico e o professor não buscam explicações para esse “modelo” praticado na única emissora aberta da cidade é um indício de que concordam com ele.



Sem falar nas curiosidades... Como era o telejornalismo praticado pelas duas empresas que estiveram a frente da emissora quando esta era afiliada a Bandeirantes e, antes ainda, a Manchete? Quem foram as pessoas que trouxeram a televisão para a região centro-oeste do estado? Em que condições a TV Independência foi implantada? Por que a TV Bandeirantes deixou a cidade? Perguntas estas sem respostas já que a emissora não tem uma memória sistematizada e, até o momento, essa preocupação de resgatar a história recente da TV e do telejornalismo guarapuavano não sensibilizou professores e alunos de jornalismo da Unicentro.

A pesquisa no Departamento de Comunicação, do qual o curso de jornalismo faz parte, entre os anos de 2002 e 2006 foi nula ou praticamente nula. Nenhum dos professores – efetivos ou colaboradores –, até aquele momento, valorizou a pesquisa. Apenas a partir de 2006, ano em que foi realizado concurso público e foram contratados dois novos professores para o curso de Jornalismo e um para o de Publicidade e Propaganda, é que a pesquisa começa a tomar corpo. Os novos docentes apresentam propostas e obtêm credenciamento junto a Pró-Reitoria de Pesquisa. No ano seguinte, dois deles concorrem, pela primeira vez na história do departamento, a bolsas de Iniciação Científica, prática bastante valorizada pela universidade que, além das bolsas da Capes/CNPQ e da Fundação Araucária – entidade estadual de apoio e fomento a pesquisa –, destina bolsas próprias ao programa.

Porém, como a pesquisa – bem como a área de atuação profissional e, conseqüentemente, as disciplinas por eles ministradas – não eram voltadas para o jornalismo de TV os estudos nessa área continuaram estagnados dentro da Unicentro. Apenas em julho de 2007 uma profissional da área de televisão, porém com os estudos voltados para a Publicidade, passa fazer parte do quadro de docentes do Departamento de Comunicação Social da instituição. E só em abril de 2008, uma jornalista com formação profissional em telejornalismo é aprovada em concurso e passar a integrar o quadro efetivo do departamento.

Ambas, no primeiro semestre de 2008, conseguem credenciamento em Pesquisa Continuada – a mais valorizada na instituição por exigir dos docentes-pesquisadores uma trajetória, mesmo que pequena, em pesquisa e esta deve ser comprovada através de participação em eventos com apresentações de trabalhos, publicações e orientações. As duas também concorrem, pela primeira vez, em 2009, para o programa de iniciação



científica. Entre todos os professores concorrentes na área de Ciências Sociais Aplicadas da universidade garantem bolsa de iniciação científica, da Fundação Araucária de desenvolvimento da pesquisa no estado, para os acadêmicos de Comunicação.

Assim, hoje, ainda não é possível falar em resultados de pesquisas acadêmicas voltadas para a televisão e/ou o telejornalismo na Unicentro. Afinal, o projeto de pesquisa da professora nomeada em 2008 ainda está em andamento e a IC teve início em agosto. Porém, o pensar criticamente a televisão e o fazer telejornalismo já é realidade.

Indícios disso são este texto e os questionamentos contidos nele; o interesse de alunos pela iniciação científica em telejornalismo; alguns Trabalhos de Conclusão de Cursos produzidos em 2008 e em andamento em 2009 como: a “análise da editora de economia, a partir da linguagem telejornalística, nos TJs da Band, Nacional e da Record”, “a interatividade no Jornal Hoje”, e “os critérios de noticiabilidade no bloco local do Paraná TV 2. edição da TV Guairacá”; a produção – e apresentação, neste mês de maio, no Intercom Sul 2009, em Blumenau – de artigo sobre os caminhos da TV digital na maior emissora de TV brasileira, a partir de apontamentos de debatedores dos Seminários Globo/Intercom 2007 e 2008, dos quais participaram, um em cada ano, dois professores do departamento que escreveram juntos este trabalho; capítulo de livro, ainda no prelo, resgatando a memória dos primeiros telejornais do interior do Brasil, a partir das lembranças dos profissionais que os colocaram no ar, ainda na década de 1960, na TV Coroados, em Londrina, Paraná – trabalho este de resgate que, esta é a pretensão, deve ter continuidade a partir da sistematização da história da TV Guairacá/Independência, de Guarapuava.

### **Da pesquisa ao ensino**

A pesquisa em telejornalismo no curso de jornalismo da Unicentro, ainda em construção ressalte-se, tem início, como já foi dito neste texto, no momento em que uma jornalista com formação em televisão é nomeada, há pouco mais de um ano. Concomitantemente começa um processo semelhante, de construção, no ensino de telejornalismo da instituição.



Até 2008, ou seja, nos seis primeiros anos do curso de jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste não há produção “quali-quantitativa” de telejornalismo pelos acadêmicos. Os arquivos do Departamento de Comunicação Social não abrigam um único telejornal-laboratório. O que se tem, apenas, são os relatos dos acadêmicos já formados que continuam freqüentando a universidade por outros motivos e dos técnicos do Laboratório de Telejornalismo. Os dois grupos relatam que, durante todo o ano de 2007, a produção da disciplina de Telejornalismo, com carga horária semanal de 4 horas/aula, se restringiu a três telejornais. Sendo que não havia periodicidade, duração, público-alvo e projeto editorial definidos. Entre os meses de março e agosto os alunos produziram VTs aleatoriamente e, depois, nos meses de setembro, outubro e novembro os agruparam, também aleatoriamente, em três telejornais, um a cada mês.

Entre 2004 – ano em que pela primeira vez foi ministrada a disciplina de Telejornalismo já que esta encontrava-se no terceiro ano do curso segundo a grade então em vigência – e 2007 a disciplina de Telejornalismo foi ministrada por uma mesma professora colaboradora que, sem experiência em uma emissora de TV, aplicou em sala o que havia acabado de ver na faculdade, já que era recém-formada.

Assim, sem prática efetiva e sistemática e sem reflexão, o telejornalismo foi vivenciado pelos acadêmicos do curso de jornalismo da Unicentro em seus primeiros anos/suas primeiras turmas. Quadro que começa a mudar, como já foi afirmado, em 2008. Entre os meses de abril e agosto, (além de noções iniciais/básicas de texto telejornalístico, imagem, produção, reportagem, edição para TV e gêneros e formatos do telejornalismo) os acadêmicos produziram dez telejornais-laboratório, um por semana. Todos com público-alvo, linguagem e, portanto, projetos editoriais e videográficos pré-definidos e desenvolvidos. Edições que não se perderam, que hoje fazem parte do arquivo do departamento. Material que não ficou restrito ao laboratório de telejornalismo. As edições produzidas pelos alunos eram exibidas, todas as sexta-feiras – dias em que eram efetivamente produzidas –, com os devidos créditos, pelo Telejornal Unicentro, produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social (COORC) da universidade e exibido por dois canais locais fechados. Exibições que fizeram com que a própria COORC reavaliasse o formato do telejornal produzido por ela. Mudanças que vieram em 2009 com a contratação de duas alunas da turma de Telejornalismo de 2008





como estagiárias (trabalhando na reportagem, edição e apresentação) e com o trabalho voluntário de uma terceira (responsável pela pauta/produção), acompanhadas por um jornalista responsável.

Sobre o telejornal-laboratório “Terceiro Planalto”, vale ressaltar também que este conquistou o primeiro lugar na categoria “programa telejornalístico:”, do Intercom Sul 2009, realizado no mês de maio, em Blumenau, Santa Catarina, – na primeira participação de trabalhos em telejornalismo de acadêmicos da Unicentro na mostra competitiva.

Além do telejornal-laboratório composto por dez edições, os acadêmicos produziram uma grande-reportagem televisiva, com quatro blocos de, pelo menos, seis minutos. Mais uma vez, a produção foi baseada num Projeto Editorial elaborado pelos próprios acadêmicos com o auxílio da professora responsável pela disciplina. A temática escolhida foi a trajetória do município de Guarapuava em seus quase duzentos anos – desde a chegada dos primeiros imigrantes, passando pelas lendas e “causos” que habitam o imaginário popular local e pela vinda, na década de 1950, dos suábios que se instalaram no distrito de Entre Rios, até o crescimento acelerado dos últimos anos provocado pela criação e fortalecimento da universidade. Trabalho de resgate elogiado por historiadores que avaliaram o produto. Perspectiva da história de Guarapuava exibida, durante uma semana, pelo Telejornal Unicentro e armazenada, para futuras consultas, no Departamento de Comunicação Social e no Arquivo Histórico do município.

As últimas semanas letivas, seis no total, foram destinadas a produção de vídeos-documentários. Entre as temáticas, a rotina no maior assentamento do Brasil; o homossexualismo e a homofobia; a vida que segue vendo o ir-e-vir de ônibus num dos terminais urbanos de Guarapuava, ponto de encontro de aposentados da cidade.

### **E só o começo...**

Em um ano não é possível “transformar” ou “incrementar” ou “definir” o ensino e a pesquisa em telejornalismo, dentro de uma instituição de ensino, num curso de jornalismo. Porém, algumas ações podem ser implantadas e avaliadas nesse curto período. Atividades estas que procurei descrever nas linhas anteriores.



Atividades que, de certo modo, contribuíram, por exemplo, para a elaboração de uma nova grade curricular, bastante dinâmica que leva o acadêmico de jornalismo a produzir e pensar o fazer jornalismo, de maneira a pulverizar ao longo dos quatro anos disciplinas voltadas para a prática profissional e o pesquisar em comunicação. Assim, voltando ao jornalismo de TV, o acadêmico, logo no primeiro ano, cursa a disciplina de “Telejornalismo”, com carga horária semanal de 2 horas/aula, que tem como ementa a linguagem “audiovisual” do telejornalismo exercitada a partir dos gêneros e formatos do jornalismo de televisão. No segundo ano, este mesmo acadêmico cursa a disciplina de “Telejornal Laboratório” voltada para o vivenciar do jornalismo de TV através de edições semanais de telejornal laboratório, seguidas por edições de grande-reportagem laboratório e posterior produção de vídeos-documentários. No ano seguinte, terceiro da graduação, o aluno é levado a produzir telejornais-online-laboratório, dentro da disciplina de “Webjornal-laboratório”. “Gênero” este que precisa ser melhor pensado, estudado, pesquisado para que deixe de ser uma simples migração do telejornal convencional, ou seja da TV, para a internet, como vem acontecendo atualmente.

Ao ter contato com o jornalismo de TV desde a entrada na universidade, este acadêmico é levado a refletir mais cedo sobre o telejornalismo e, assim, interessa-se por pesquisas na área também mais cedo. E as inquietações contidas nessa reflexão-conversa – levantamento e sistematização da história da emissora local; o telejornalismo praticado por ela – são apenas alguns dos caminhos que podem trilhar o ensino e a pesquisa em telejornalismo na Unicentro e na região de Guarapuava. Isso sem falar nos trajetos do próprio telejornalismo – como o já citado web-telejornal e a “tendência” (em debate) da aproximação do telejornalismo com o entretenimento, afastando-se do hardnews. “Desvios” que podem encaminhar reflexões nos cursos de Jornalismo Brasil afora.

O ano é 2009. Um em muitos quando pensamos em trajetórias em construção. Trajetórias como a do exercício do telejornalismo na cidade de Guarapuava e a relação do telespectador com os produtores de notícia. Trajetórias como a do ensino e da pesquisa na área de telejornalismo na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Trajetórias como a desta jornalista, professora e pesquisadora. Trajetórias que se cruzam desde 2008 e que seguirão caminhando lado a lado.



**Interlocutores**

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV** – manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil** – um perfil editorial. 2.ed. São Paulo: Summus, 2000.

MACIEL, Pedro. **Guia para falar (e aparecer) bem na televisão**. 2.ed. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 1994.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **Globo News 10 anos** – 24 horas no ar. São Paulo: Globo, 2006.

SOUTO MAIOR, Marcel. **Almanaque da TV Globo**. São Paulo: Globo, 2006.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998.